

# TRADUÇÃO

# A EXCELÊNCIA DO MAGISTÉRIO DO CRISTO<sup>1</sup>

DE EXCELLENTIA MAGISTERII CHRISTI

São Boaventura

Tradução de Pedro Calixto Ferreira Filho<sup>2</sup>

Cotradução de Uellinton Valentim Corsi<sup>3</sup>

*Mestre, nós sabemos que tu és veraz e ensinas o caminho de Deus em verdade (Mt. 22).*

Prothema – *A tua própria disciplina me instruirá.*

Visto que o homem em seu interior tende a se corromper, seja pelo deleite dos amores em relação ao concupiscível, seja pelo caráter vazio das honras em relação ao irascível, seja pelo caráter sublime das coisas verdadeiras em relação ao racional: por isso, a integridade de todo religioso é descrita com razão e de forma suficiente no segundo texto citado, seja pela harmonia do nome no que se refere à reforma do concupiscível, seja pela especificidade da função para o rebaixamento do irascível, seja pela valorização das obras com relação a glorificação do racional. Toca-se, pois, na harmonia do nome no que tange à reforma do concupiscível, quando se diz em primeiro “*Disciplina*” para que não aconteça de se desviar; toca-se na especificidade da função para o rebaixamento do irascível, quando, para

---

<sup>1</sup> SÃO BOAVENTURA. A excelência do magistério de Cristo. In: SÃO BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. **Opera Omnia**. Florença: Quarachi, 1882-1903, v. 21. Cf. SAN BUENAVENTURA. **Obras I**: Dios y las criaturas. Tomo I. Madrid: BAC, 2010, pp. 596-607.

<sup>2</sup> Tradutor. Doutor em Filosofia pela Universidade de Paris Sorbonne e Universidade de São Paulo. Pós-doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Ex-professor da Universitas Catholica Parisiensis (PUC), Paris. Professor na Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisador junto ao CEPAME – Universidade de São Paulo. *E-mail*: pedro.calixto@ufjf.br

<sup>3</sup> Cotradutor. Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Membro Imortal da Academia Luso-Brasileira de Letras. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9252808194783358>. *E-mail*: uellintoncorsi@gmail.com

que não se exalte, segue-se “*tua*”; toca-se na valorização das obras para a glorificação do racional quando se diz “*ela própria me instruirá*” para que não ocorra que ela se ofusque. Logo, caríssimos, para que a apresentação de nossa pregação agrade plenamente aos ouvintes para a glória de Deus e, agradando-os, seja benéfica à salvação do espírito, supliquemos ao dispensador generoso de todos os bens a fim de que por sua própria graça e piedade, para a glória e honra de sua Mãe, a gloriosa Virgem, faça com que sejamos reformados no afeto, humildes no feito e iluminados no intelecto, possamos apresentar no intermédio algumas coisas que resultem em louvor e glória de Nosso Senhor Jesus Cristo e para o conforto de nossas almas. Amém.

*Mestre, nós sabemos que tu és veraz etc.*

Porque se constata que se é elogiado com mais louvor não apenas por amigos, mas também por inimigos. Por essa razão, não deve nos impressionar que no Evangelho os miseráveis judeus exaltam a própria Verdade, que é o Senhor nosso, confessando pelos lábios, mas não o honrando no coração, quando dizem na palavra citada: *Mestre, nós sabemos que tu és veraz etc.* Com certeza, com essas palavras eles exaltam e louvam o Cristo: (1) primeiramente, pela dignidade do ofício; (2) em seguida, pela solidez da doutrina; (3) enfim, pela utilidade do ensino. Em razão do primeiro, ele deve ser venerado humildemente; em razão do segundo, ele deve ser crido firmemente; e em razão do terceiro, ele deve ser honrado com sinceridade. Primeiramente, eu digo que eles o exaltam e o louvam pela dignidade do ofício digno de ser venerado, quando dizem: *Mestre*; em seguida, pela solidez da doutrina digna de ser crida, quando acrescentam: *nós sabemos que tu és veraz*; enfim, pela utilidade do ensino digno de ser amado, quando reportam em seguida: *e ensinas o caminho de Deus na verdade*.

I. Logo, os judeus dizem “*Mestre*”, com isso o Cristo é louvado primeiramente pela dignidade de seu ofício, pela qual ele deve ser reverenciado humildemente. Essa venerável dignidade do ofício de nosso Deus transparece em razão de três coisas, as quais ele possui em si mesmo de modo excelente. Com efeito, primeiramente, (i) ele possui o brilho da

clareza da ciência ao conhecer de modo infalível. Em seguida, (ii) ele possui a eficácia da virtuosidade da eloquência ao se exprimir de modo útil. Enfim, (iii) ele possui a eminência da santidade da vida a merecendo de modo salutar. E essas três coisas são necessárias a todos os que ensinam e predicam, a saber: a ciência que orienta, a eloquência que exprime e a vida que ambas consolidam. De fato, ensinar ou predicar sem ciência que orienta é perigoso, sem a eloquência que exprime é infrutuoso e sem a vida que ambas consolidam é degradante.

Assim sendo, primeiramente, enquanto mestre excelente em razão da dignidade de seu ofício, o Cristo deve ser reverenciado com humildade porque ele possui o brilho da clareza ao conhecer de modo infalível; por essa razão é dele que se diz por excelência em Mateus, 23: Não sejam chamados de mestre sobre a terra; porque um é o vosso mestre, o Cristo. Segue-se que ninguém deve ser chamado de mestre a não ser o Cristo. E a razão é que ninguém pode ensinar que as coisas podem ser conhecidas a partir de um outro, a não ser que haja imutabilidade da coisa a ser conhecida e certeza ou infalibilidade daquele que conhece. De fato, segundo o Filósofo,

o que é conhecido é absolutamente necessário em si, sem mutabilidade, é algo certo para aquele que conhece. Logo, com efeito, nós conhecemos quando julgamos conhecer a causa pela qual a coisa é, sabemos que essa é a causa da mesma e que é impossível que seja de outro modo.

Com efeito, não há imutabilidade da parte da criatura seja ela qual for. Donde, visto que as coisas têm o ser em seu gênero próprio, na mente humana e na razão eterna, e que o ser delas é mutável no primeiro e no segundo modo, porque todo criado é mutável, a imutabilidade está apenas no Filho de Deus, o qual é a arte e a razão de todos os viventes; segue-se necessariamente que as coisas cognoscíveis absolutamente não possuem a imutabilidade, a não ser na medida em que estão no Verbo eterno: logo, ninguém pode ensinar, nem tão pouco fazer com que as coisas sejam cognoscíveis verdadeiramente, a não ser pela presença do Filho de Deus. Em segundo lugar, a fim de que

alguém possa ensinar se requer a certeza e a infalibilidade da parte daquele que conhece, a qual não pode provir dessa luz que pode ser ofuscada; e a luz da inteligência criada é desse tipo. É o que diz Agostinho:

Com efeito, assim como a terra não pode ser vista se não for iluminada pela luz, do mesmo modo as coisas que são transmitidas nas ciências, as quais aquele que compreende, que concede como sendo muito verdadeiras na ausência de toda dúvida, deve acreditar que estas não podem ser compreendidas a não ser se forem iluminadas pelo Cristo, o sol espiritual.

Com razão, pois efetivamente, unicamente ao Cristo e não a um outro deve ser atribuída a autoridade do ofício, assim ele unicamente e singularmente é chamado de Mestre, na medida em que ele próprio é o princípio primordial e origem de toda ciência humana. Logo, assim como um é o sol, mas emite muitos raios, do mesmo modo, a partir de um Mestre, o Cristo, sol espiritual, procedem múltiplas e variadas ciências; e da mesma maneira que muitos e distintos riachos saem de uma única fonte, mas uma é a fonte que em tantos riachos se multiplica sem se esgotar, do mesmo modo, sem se esgotar, os riachos das diversas ciências saem de uma fonte eterna, de um Mestre, o Cristo, sol espiritual.

Em seguida, o Cristo possui a virtuosidade da eloquência ao se exprimir utilmente, como se vê na explicação que apresentou aos doutores da lei em *Mateus, 22: Um deles, doutor da lei, lhe interrogou: Mestre, qual é o grande mandamento na Lei?* Jesus lhe disse: *tu amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma e de todo teu espírito.* – Os miseráveis judeus que confessavam a mesma verdade, sem, porém, amá-la, vêm até ele e o interrogam sem o desejo de aprender, mas decididos a tentá-lo; e porque propunham uma boa questão, apesar de que não exigisse malícia deles, mereceram ouvir uma explicação verdadeira: *Amarás o Senhor teu Deus* etc. O que Agostinho explana da seguinte forma: “*De todo teu coração*, isto é, com o intelecto, sem erro, *de toda tua alma*, isto é, com a vontade, sem contradição, *de todo teu espírito*, isto é, com a memória, sem esquecimento”.

Enfim, o Cristo possuiu a eminência da santidade da vida ao merecer ou ao edificar de maneira salutar: a respeito disso é dito em *João*, 13: *Se eu, Senhor e Mestre, lavei vossos pés, vós deveis lavar os pés uns dos outros. Com efeito, eu vos dei um exemplo a fim de que assim como eu vos fiz, vós vos façais.* Servir um superior é uma grande humildade, maior é servir um igual, mas máxima e perfeita é servir o inferior: logo, nosso Senhor quis assumir a fraqueza do gênero humano, a fim de ensinar por ela um exemplo de todos os modos de perfeição, de toda justiça e de perfeita humildade quando quis servir o inferior lavando os pés dos camponeses e dos pecadores. Por isso Agostinho afirma: “Nós temos o exemplo da humildade, temos o remédios contra a soberba: logo, envergonha-se o membro de ser soberbo quando a cabeça é humilde”. E porque este exemplo é digno de imitação, é dito em *Lucas*, 6: *Será perfeito todo aquele que for como seu mestre.*

II. Em segundo lugar, no texto acima, o Cristo é louvado pela solidez de sua palavra, pela qual se deve crer firmemente quando acrescenta: *que és veraz.* Com efeito, o Cristo deve ser crido firmemente pela sua verdade por três razões: primeiramente, porque ele possui a verdade de uma intenção pura no pensamento de seu coração; em seguida, porque possui a verdade da retidão da expressão na linguagem; enfim, porque possui a verdade da vida nobre na manifestação das obras.

Com relação à primeira, se deve crer em Cristo, porque ele possui a verdade da intenção pura no pensamento do coração; como dito em *Provérbios*, 8: *Minha garganta meditará a verdade e meus lábios detestarão o ímpio.* – “*Minha garganta*”, não a garganta carnal, uma vez que a esta não compete meditar, mas a da inspeção espiritual; “*meditará a verdade*”, pela simplicidade da intenção, retidão do pensamento e pela pureza dos afetos, abandonando toda falsidade do vício e do engano, a fim de que o coração seja reto e bem ordenado; e *meus lábios detestarão o ímpio*, pela retidão do verdadeiro; carecem dessa retidão do zelo aqueles que, fazendo acepção de pessoas, não detestam e sim escusam e atenuam os grandes pecados daqueles que amam carnalmente e de maneira privada, porém, os mínimos pecados daqueles que não os agradam, acusam e agravam. Esse grande,

senão máximo pecado de perversidade, o justo Davi declara abertamente não ter em si, quando diz: *Não escondi em meu coração, mas exprimi a verdade e a salvação que provêm de ti.*

Quanto à segunda razão, deve-se acreditar em Cristo, porque ele possui a verdade da reta expressão na linguagem; o que a própria Verdade confirma em *João, 8: Quem dentre vós me convencerá do pecado? Se eu vos digo a verdade, por que não credes?* pergunta o próprio Cristo; é como se dissesse: ninguém por causa da isenção de toda culpa e honestidade da vida e da perfeição da ciência. Com efeito, ele foi concebido sem pecado, visto que foi sem sêmen masculino, mas pela virtude do santo Espírito; nasceu sem pecado porque foi repleto da santidade da graça; *viveu sem pecado por não ter cometido pecado, nem foi encontrado perfidia em sua boca. Se eu vos digo a verdade,* em razão da plenitude da ciência, pela qual não enganar nem ser enganado, *porque não acreditais em mim* pelo aprisionamento do intelecto?, é como se dissesse: visto que a pregação de alguém não deve ser desprezada senão em razão do número elevado da culpa, em razão da desonestidade da vida ou em razão da simplicidade da ignorância.

Assim sendo, como eu tenho a isenção da culpa, a perfeição da vida e a plenitude da ciência, vós deveis crer, pois *para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade,* segundo o que é dito em *João, 18;* e isso contra aqueles que, em vez de se colocar do lado da verdade e da justiça, preferem cultivar a amizade carnal e aprazer aos grandes a fim de serem elevados e honrados, enquanto que é mais glorioso ser menosprezado com a verdade do que elevado com a falsidade.

Enfim, deve-se acreditar em Cristo por causa da verdade da honestidade da vida manifesta pelas obras; daí o que é dito em *João, 14: Eu sou o caminho, a verdade e a vida.* Porque, segundo Bernardo, “apenas inflamar é pouco, apenas brilhar é vão, mas ambos, juntos, é perfeito”. Por isso, o Cristo, em quem se encontra a plena perfeição, afirmou: *Eu sou a vida,* no exemplo, pela honestidade da vida; *e a verdade,* no ensino pela claridade da sabedoria; *e vida,* como prêmio pela eternidade da glória. E assim o Cristo é *caminho* pelo qual desejas seguir pelo exemplo de vida; *verdade* que desejas encontrar

pelo ensino da doutrina; e *vida* na qual desejas permanecer em vista do prêmio da glória; e eis como explica o beato Agostinho que sobre esse texto afirma: “o Cristo é o caminho pelo qual progredir, verdade para se encontrar e vida para nela se repousar”.

III. Ele disse, então: *Mestre, sabemos que és veraz*; e em seguida: *o caminho de Deus na verdade ensinas*; com essas palavras, em terceiro lugar, o Cristo é louvado pela utilidade de sua palavra, pela qual deve ser amado com sinceridade. Segue-se que o Cristo deve ser amado em razão da utilidade de seu ensino por três razões, visto que ensina: primeiramente, verazmente com relação ao que se deve crer; em seguida, com deleito no que diz respeito de suas promessas; enfim, eficazmente no que diz respeito às obras a serem realizadas. Pelo primeiro se elimina a falsidade do erro; pelo segundo, se suprime a instabilidade do mundo; enfim, pelo terceiro, se exclui a languidez do coração.

Primeiramente, o Cristo ensina verazmente no que diz respeito ao que se deve crer contra a falsidade do erro; sobre isso é dito no *Salmo: Guia-me na tua verdade e ensina-me que tu és Deus, meu salvador, te esperei todos os dias*. O fiel profeta Davi, a respeito do verdadeiro penitente, disse pessoalmente: *Guia-me* pela remoção de todo erro. Com efeito, aquele que está bem orientado é aquele que exclui todo erro tanto do intelecto no ato de crer, quanto do afeto no amar e, enfim, do defeito no agir; *na tua verdade*, pela infusão do divino esplendor, para que, uma vez removido o defeito do erro que desvia, seja introduzido o hábito da virtude da fé; pois a verdade divina não é outra coisa senão o esplendor divino da fé; *ensina-me* o conhecimento de sua predicação ou de sua leitura; *porque tu és Deus*, criando através de tua potência e, por isso, digno de ser admirado humildemente; *meu salvador*, redimindo por sua clemência, por que é digno de ser amado com sinceridade; *te esperei*, servindo escrupulosamente por obediência; *todo dia*, continuando ao fim pela perseverança. E o santo profeta Davi conclui louvando esse ensino perfeito dizendo: *Feliz o homem que tu, Senhor, instruis e ensinas sobre a tua lei*.

Em segundo lugar, ele ensina como deleito no que diz respeito à promessa contra a volubilidade ou o deleite do mundo; sobre isso é dito em



*Mateus, 5: Abrindo seus lábios, ele os ensinava dizendo: Felizes os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus. Ouçam reverentemente os clérigos e os prelados que se glorificam de serem discípulos do Cristo, donde tem início a doutrina cristã; ouçam com diligência os religiosos ou professores do Evangelho o qual constitui o fundamento da perfeição evangélica. Ele disse Felizes os pobres de espírito; porque esta pobreza, que é rejeitada com temor por todos aqueles que vivem de maneira mundana, é assumida e deve ser assumida com honra e amor pelos homens perfeitos, porque, enquanto fundamento primeiro da doutrina evangélica ela aperfeiçoa e dá efetividade; por essa razão ele disse: Felizes os pobres de espírito; e a exalta como perfeito complemento da vida cristã por vir; por isso ele acrescenta: porque deles é o reino dos céus. Oh pobreza, virtude sacratíssima e digníssima de todo louvor! Quem pode tornar-te digna de ação de graças, pois, apenas com tua aquisição elevas os homens terrenos e miseráveis a tão grande excelência de dignidade para instituí-los herdeiros do reino dos céus? Porém, essas palavras: Felizes os pobres de espírito, se explica de duas maneiras: primeiramente, se contar por nada; nesse sentido, são pobres de espírito os verdadeiros humildes que não possuem o espírito inflado, mas consideram ser como nada nas coisas espirituais. Em segundo lugar, os pobres de espírito, isto é, aqueles que voluntariamente e sem coerção renunciaram às coisas mundanas, não forçados pela necessidade, mas conduzidos pela vontade, a fim que, uma vez extirpada a avareza, que é a raiz de todos os males, se plante a pobreza, que é o fundamento primeiro de todo bem. Em razão deste ensino verdadeiro convém ao Cristo o que é dito em Malaquias, 2: A lei da verdade se encontrava em sua boca.*

Em terceiro lugar, ele ensina eficazmente com relação a ação contra o torpor do coração. Por isso se diz no Salmo: ensinará aos dóceis seus caminhos. Os caminhos do Senhor são as boas obras, que o Cristo neste mundo executou corporalmente, as quais são designadas pelo nome de caminhos, porque assim como o homem avança pelo caminho até a própria cidade, da mesma maneira, pela boa obra o homem é conduzido até a pátria celeste. Esses caminhos o Senhor ensina aos dóceis, que interiormente

não desprezam ninguém, e aos humildes, que exteriormente não ofendem ninguém, conformemente ao seu próprio testemunho em *Mateus*, 11: *Aprende de mim que sou dócil e humilde de coração*, quando por seu exemplo são ensinados a agir bem. Pois, “todas as ações de Cristo constituem para nós instruções”. Portanto, roguemos ao Senhor etc.